

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS  
SÉRIE ENSAIOS

Teresa Carvalho  
Carlos A. Martins de Jesus

# FRAGMENTOS DE UM FASCÍNIO

*SETE ENSAIOS SOBRE A POESIA  
DE JOSÉ JORGE LETRIA*



Teresa Carvalho

Universidade de Coimbra

Carlos A. Martins de Jesus

Universidade de Coimbra

*Fragmentos de um Fascínio*  
*sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria*



Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

AUTORES: TERESA CARVALHO, CARLOS A. MARTINS DE JESUS

TÍTULO: FRAGMENTOS DE UM FASCÍNIO. SETE ENSAIOS SOBRE

A POESIA DE JOSÉ JORGE LETRIA

EDITOR: CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO: 1ª/2009

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: MARIA DO CÉU FIALHO

DIRECTOR TÉCNICO DA COLEÇÃO: DELFIM F. LEÃO

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO: RODOLFO LOPES

ILUSTRAÇÃO DA FOLHA DE ROSTO: *A CAVERNA*, POR ANDRÉ LETRIA

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-8281-09-8

DEPÓSITO LEGAL: 294592/09

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA  
POCI/2010

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

## ÍNDICE

PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO José Ribeiro Ferreira	7
NOTA PRÉVIA	13
<i>PLACENTA DE VOZES ANTIGAS</i> OU A ANTIGUIDADE EM JOSÉ JORGE LETRIA Carlos A. Martins de Jesus	17
A POESIA DE JOSÉ JORGE LETRIA OU O LABIRINTO SEM MINOTAURO Teresa Carvalho	27
CARTOGRAFANDO O LABIRINTO: O CANTO DE HERMES NA POESIA DE JOSÉ JORGE LETRIA Teresa Carvalho	43
<i>É UM ROSTO IMITANDO OUTRO ROSTO. A POÉTICA DA MÁSCARA E DO (DES)MASCARAR</i> EM JOSÉ JORGE LETRIA Carlos A. Martins de Jesus	73
JOSÉ JORGE LETRIA E A MÁQUINA DA ESCRITA: A POESIA ATÉ AO «COLAPSO FINAL» Teresa Carvalho	89
<i>SOBRE RETRATOS (E SOBRE QUEM OS (D)ESCREVE): EKPHRASIS</i> EM JOSÉ JORGE LETRIA Teresa Carvalho	111
<i>PEREGRINO DE OUTRAS ÁGUAS. A PRESENÇA TUTELAR DE DOIS POETAS GREGOS</i> EM JOSÉ JORGE LETRIA Carlos A. Martins de Jesus	127
RETRATOS (APÊNDICE DE IMAGENS)	139
ESTUDOS SOBRE JOSÉ JORGE LETRIA	149

## PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO

*Fragmentos de um Fascínio – sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria* é o título deste livro da autoria de dois jovens investigadores – Carlos A. Martins de Jesus e Teresa Carvalho – que, apesar da idade, apresentam currículo de créditos firmados: Carlos de Jesus já assinou várias traduções de obras de autores gregos e romanos, já publicou estudos sobre Aristófanes, e cerca de uma vintena de artigos em revistas da especialidade e em actas de congressos; Teresa Carvalho, além de excelente e arguto estudo sobre a presença da épica clássica na poesia de Manuel Alegre, que saiu com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra e apresenta o título *Epopéia e antiepopéia – de Virgílio a Alegre*, já conta no seu currículo com mais de dez artigos dispersos por revistas e actas de congressos (inclusive um prefácio ao livro de poemas de José Jorge Letria *Sobre Retratos*), em que privilegia a literatura portuguesa de matriz clássica e a literatura na sua relação com as artes plásticas.

Dedicam agora sete estudos (três de Carlos de Jesus e quatro de Teresa Carvalho) à presença da cultura clássica na poesia de José Jorge Letria, mostrando como essa é uma temática bem presente – diria mesmo medular – na sua obra. Escreve precisamente Carlos de Jesus no estudo que abre a colectânea (p. 19): «Quem leia, por puro deleite – e que melhor forma haverá de a ler? –, a poesia de José Jorge Letria não pode deixar de reparar, aqui e ali, no verdadeiro fascínio, quase matricial, que o poeta devota à Antiguidade Grega, aos seus espaços, às suas vozes e mesmo aos seus silêncios». E o significativo título dado ao estudo, em que vem a citada frase – precisamente “Placenta de vozes antigas ou a Antiguidade em José Jorge Letria” – chama, só por si, a atenção para essa matricial importância da Grécia na obra do poeta e o fascínio que sobre ele exerce esse «espaço/tempo mais que todos propício à poesia» (p. 19). São lugares, mitos, pessoas, acontecimentos – espécie de rio poético em que o poeta «não pode deixar de banhar-se e de cujas torrentes aproveita as águas mais inspiradas» (p. 25).

Inclui Carlos de Jesus mais dois estudos em *Fragmentos de um Fascínio* o quarto e o sétimo, que é também o último, intitulados respectivamente “*É um rosto imitando outro rosto. A poética da máscara e do (des) mascarar em José Jorge Letria*” e “*Peregrino de outras águas. A presença tutelar de dois poetas gregos em José Jorge Letria*”. No primeiro desses trabalhos, reflecte sobre o teatro – espaço e representação –, a máscara, o actor, as personagens trágicas e cómicas. Mais ainda,

mostra-se que o poeta, apaixonado pela Grécia, «faz amiúde da sua poesia uma peça que ora se quer ora se não quer [...] representada num teatro complexo» (p. 75), onde a máscara aparece como o acessório de escrita/representação que serve o «propósito de fingir completamente» (p. 77), para o *eu* ou o actor de poemas dizer «o que não pode ser dito» e veicular a temática da duplicação do sujeito (p. 79), mas que, meio de fingimento e de enganos, é afinal também «objecto de frustração» (p. 82).

O segundo estudo aborda a presença de Arquíloco e de Safo em José Jorge Letria e o conhecimento que de um e de outro manifesta a sua poesia: por exemplo, referências a Paros – local de nascimento de Arquíloco – como «ilha nua sobre as ondas», aos «figos secos», ao ramo de mirto, ao vinho de Ísmaros, à colonização de Tasos; ou presença de temas de Safo, como a força da paixão, o brilho da lua, num poema em que, ao contrário da poetisa de Lesbos, não vê o essencial no amor, mas numa certa insatisfação, como se a essência – conclui Carlos Jesus – «fosse também ela o nada que é tudo ou, para nos servirmos do título do poema [...], esse eixo de coisa nenhuma» (p. 80).

Teresa Carvalho colabora com quatro estudos e também neles corrobora – ou em quase todos – essa ligação do poeta à Antiguidade Clássica: «José Jorge Letria é sobretudo um poeta em desacerto com o tempo que lhe coube, mas não em desacerto com o tempo luminoso da Antiguidade Greco-Romana e com os seus mitos, presença recorrente no seu universo poético», escreve a

abrir o primeiro desses estudos que aborda precisamente o tema do labirinto e apresenta o título “A poesia de José Jorge Letria ou o labirinto sem Minotauro» (pp. 29 sqq.). Mostra Teresa Carvalho que o universo poético do autor de *O Fantasma da Obra*, um «enrodilhado de linhas temáticas e motivos preferenciais» – ou, nas palavras do próprio poeta, «enredo labiríntico de uma outra poética» (I: 106) –, é mais «novelo da desolação em que Ariadne acabou por enredar-se que a solução em forma de caminho a oferecer-se ao leitor» (p. 32). É o multiplicar de «sinuosos percursos, por vezes circulares» (p. 33), em que o poeta aprofunda o tema da errância e é «pintor no labirinto das tintas» (II:32), a unir as linhas do rosto múltiplo e a «desenrolar o irreversível fio da morte» (p. 34). Como acentua Teresa Carvalho, a poesia de José Jorge Letria, na sua sofreguidão de ar e de luz, «à semelhança do labirinto clássico e sob o ponto de vista temático, aparece como um lugar marcado pela clausura e pela obscuridade» (p. 36). E nessa escrita/labirinto «em que o excesso é a medida», o poeta converte-se «num irracional Teseu ou, talvez melhor, em Minotauro de si mesmo», porque esse «monstro ameaçador e violento que domina o imaginário ocidental» (p. 38) é notada ausência na poesia de José Jorge Letria – nas próprias palavras do poeta (II: 314): «No meu labirinto não há Minotauro».

De novo o labirinto ou os «negócios/labirínticos e enleantes da memória» (II: 261) surgem no estudo “Cartografando o labirinto: o canto de Hermes na poesia de José Jorge Letria» (p. 45 sqq.), em que Teresa



Carvalho analisa a presença da linguagem comercial na obra do autor de *Mágoas Territoriais* e – com expressões e termos como ‘moeda’, ‘carta comercial’, ‘cálculo’, ‘negócio e contabilidade, prestar contas e ‘balanço à vida’, ‘poupar’ – e mostra como nela tem assento o banal quotidiano. Ressalta todavia do estudo que, mesmo no meio dessa poética comercial, surgem noções que se impõem desde a cultura da Grécia antiga: a fugacidade e fragilidade, a memória.

Em “José Jorge Letria e a máquina da escrita: a poesia até ao «colapso final»” (pp. 91 sqq.), mostra Teresa Carvalho que o poeta, «movido pelo desejo do (auto)conhecimento» e busca de verdade, «caminha pelo labirinto das suas próprias galerias»; que a sua criação poética define «uma *ars poetica* que vem marcando uma vasta produção que recolhe da «arte de ser» e da «arte de parecer» muito do seu fascínio» (p. 91). Apesar de tudo, a análise chama a atenção para esse labor poético que se volta para si mesmo ou «para a própria engrenagem poética» (p. 92), sublinhando a inquietação da máquina da escrita, a insatisfação, a autonomia da palavra, a ansiedade, a actividade febril, o *furor poeticus* que falam frequentes vezes na sua poesia; e a afirmação de que vagar e paciência, «que subjazem ao trabalho oficial em poesia e à figura do *fabbro* da palavra, não são categorias que inscrevam na produção poética de J.J. Letria uma marca profunda» (p. 96).

Por fim, o estudo “*Sobre Retratos* (e sobre quem os (d)escreve): ekphrasis em José Jorge Letria” (pp. 113 sqq.) aborda a assídua relação da poesia de José Jorge

Letria com as artes visuais, particularmente com a pintura – ou seja, como acentua Teresa Carvalho, na *ekphrasis* encontra «um procedimento chave que dá visualização e corpo ao famoso preceito de Horácio “ut pictura poesis”», sobretudo evidente em *Sobre Retratos*, «livro de desígnio plástico e lirismo indagador que preserva as tradições especulativas e cultas da poesia de língua portuguesa» e que «parece desafiar os limites da plasticidade da linguagem verbal» (p. 115).

E assim, em sete estudos bem fundamentados, dois jovens investigadores percorrem e analisam, com finura, de forma segura e com sensibilidade estética, a poesia de José Jorge Letria e, na maioria deles, sublinham a evidência que no autor ganham os lugares da Grécia e a cultura greco-romana em geral. Por eles conduzidos, sentimo-nos a observar de outra maneira e com outros olhos a obra desse grande poeta. Χαῖρε, pois, por estes estudos que nos fazem descobrir novos caminhos, certas nuances que haviam escapado, segredos subtilmente guardados. Da obra de José Jorge Letria dão-nos enfim uma visão mais completa e sobre ela lançam mais luz.

José Ribeiro Ferreira

## NOTA PRÉVIA

Aqui se reúnem sete ensaios, alguns dos quais já publicados em revistas dispersas, que têm a poesia de José Jorge Letria como objecto comum de reflexão. São exercícios de entendimento literário que procuram dar conta de um duplo fascínio: o do poeta por luminosidades várias (da luz da Antiguidade Grega àquela que a experiência fulgurante do Verbo liberta); o dos autores por uma obscuridade que desafia à leitura e interpela como interrogação.

Todos eles aceitam, como premissa maior, que o poeta é um leitor de outras escritas – antigas e modernas, literárias e quotidianamente prosaicas –, um fruidor de outras artes, dando, deste modo, voz ao seu entendimento do outro, seja ele o filósofo, o actor, o pintor, o escritor ou mesmo a personagem mitológica, trágica, que são também, e sobretudo, busca de entendimento de si próprio.

Ao Professor Doutor José Ribeiro Ferreira agradecemos ter aceitado o repto de ler e prefaciар estes textos.

*num balcão de Lisboa, sem brilho  
e com tão pouco e duvidoso alento. (I: 122)*

A «tristeza lojista» que logo se instala no poema (porque de um só se trata) – a atingir a própria camélia que tantas vezes salta da lapela de Cesário Verde para os poemas de José Jorge Letria e que, não por acaso, aqui vemos murchar – adensa-se, ganha corpo e mata o poeta-repórter, espectador, não da cidade de Lisboa, mas de si e do seu drama. Neste livro «é a vida/ que teima em mover-se na arena sombria dos olhos», como um caleidoscópio tormentoso, marcado pelo pormenor sombrio carregado de profunda significação humana, para o qual concorre, sem dúvida, a carga sémica negativa com que certo vocabulário inusitado, típico das áreas lexicais da prosa e, concretamente, da esfera comercial transitam da poesia e da vida de Cesário Verde para os versos de José Jorge Letria.

O conflito expresso em *Cesário: Instantes da Fala*, assumindo embora outros contornos, não mais deixará de estar presente na poesia do autor, de forma mais ou menos vincada, mais ou menos subtil, encoberto, por vezes, pela acção de uma poética amadurecida. Também por meio dele se há-de ir afirmando a distância que separa o poeta, cujo ofício consiste fundamentalmente em vencer a resistência da linguagem, de um trabalhador comum (e a consciência disto mesmo), a poesia e a criação artística de outras áreas de actividade sem mistério nem enigma.

«Os Dois Mallarmés» (*NhPF*: 68) é, a este respeito, um poema revelador. Nele se foca a distância entre o

Mallarmé fotografado por Nadar – «um velho notário constipado, xaile sobre os ombros,/ caneta na mão e olhar sereno» – e o Mallarmé pintado a óleo por Manet, descrito como «um ser enredado/ na loucura circular das palavras absolutas». Eis o contraponto entre, por um lado, uma serenidade que a perspectiva do descanso consente, e, por outro, uma dinâmica irrefreável representada numa elaboração estilística em que, figurada ou imagetivamente, estão plasmados dois dos sentidos fundamentais de toda a criação poética de José Jorge Letria: a associação entre lirismo e loucura; o da escuridão interior só iluminada pela claridade e pela aventura da poesia.

Abrindo um horizonte reflexivo que será a marca indelével da obra do autor (que ganharia com a consideração da própria história da pintura: um percurso do figurativo ao abstracto), é a própria imagem de um entusiasmo fértil e violento que ressoa como um eco místico, um entusiasmo demiúrgico que dá acesso a uma experiência espiritual profunda, mais próxima do mistério da existência (e da poesia), que se confronta com a imagem de uma sombria, sossegada e respeitável velhice, senão mesmo com a imagem de uma velha rotina burocrática e seus formalismos pouco sobressaltantes:

*No retrato a óleo está a essência*

*do não dito, do não escrito.*

*Na fotografia está o senhor de posição e de idade,*

*poeta consagrado reinventando a linguagem*

*com o meticuloso labor de quem*

*faz a escrita só para as contas baterem certas.*

Só no terreno do ‘poeticamente incorrecto’, poesia e burocracia parecem poder encontrar-se e conviver sem uma zona de conflito ou com ela desvanecida no exercício seguro da escrita: «Se me apetecer, vou com Rimbaud/ para a perdição do exílio africano,/ se me apetecer, vou com Rilke/ ferir-me nos espinhos de todas as rosas/ que enfeitam a aflição vociferante dos poetas,/ se me apetecer vou escrever um verso/ sibilino e impenitente, inesperado,/ nas costas de um documento oficial» (*NhPF*: 23).

De que o poeta, que tem vindo ao longo da sua obra a tocar nos domínios essenciais da criatividade humana, nas mais diversas expressões artísticas (da pintura à música, da escultura à arquitectura) não se enamora de actividades desprovidas daquela aura enigmática que solicita um especial modo de ver nem da fria lógica comercial falar-nos-iam suficientemente dois poemas da sua mais recente colectânea, *Sobre Retratos*. Deixemos de lado o primeiro, um poema que tem como referente pictórico um quadro de Diego Rivera, centrado na arte de «fazer tortilhas/ elevada à condição de ofício e de mistério» (*SR*: 29), para nos fixarmos no poema «Giovanni Arnolfi e sua mulher Giovanna Cenami», a denunciar uma relação intranquila com o mais famoso quadro de Jan Van Eyck (imagem 1), que exhibe, numa quietude contrastante, um rico comerciante e a sua mulher. Os versos iniciais logo a deixam perceber:

*Há neste retrato a prosperidade mercantil  
de quem avalia o mundo por aquilo  
que se compra e se vende*

*nos mercados onde tudo tem um preço,  
até o homem e a sua arte.*

*O cão, as chinelas de mulher, o fruto  
esquecido no parapeito da janela,  
o castiçal e o terço são o inventário  
de um espaço povoado pelos símbolos  
da harmonia que o dinheiro sela.*

*O próprio pintor se terá auto-retratado  
no espelho redondo, ao fundo da sala,  
testemunha silenciosa de uma união  
que está nas cores, nos objectos  
e também no triunfo de uma classe  
que se fez pintar para mostrar  
que tudo tem um preço  
e uma medida, até o amor. (SR: 49)*

Meditado para além dele próprio, o quadro é visado mais como imagem da demonstração de poder e de prestígio de uma classe sócio-profissional e menos como objecto de arte. Mais como documento e menos como objecto-pintura, já de si, neste caso, com uma significativa componente testemunhal – o notário improvisado em que se terá transformado o pintor. O poema converte-se no lugar de uma denúncia que a própria estrutura vem exprimir ao servir-se do ‘inventário’, que se assume como forma dúplice de registo: a enumeração, capaz de reunir os elementos simbólicos dispersos pelo quadro, só aparentemente sem importância, e dela retirar significativos dividendos poéticos que apontam no sentido da opulência; a relação ou rol dos bens do casal.

Contrário é o efeito que a enumeração produz no poema «Os Valores Pessoais», justamente, do livro *A Memória Segundo Magritte*. Aqui surpreendemos o poeta a elaborar o inventário do que lhe pertence: «é tudo e é nada, é um pente,/ um pincel da barba, alguns livros/ as cartas que não cheguei a mandar,/ o retrato dos filhos ainda pequenos [...] um sabonete com aroma de bétula/ um fósforo molhado pelas lágrimas» (*MSM*: 115). Não é apenas o banal quotidiano contido numa página – um quadro – que contende com a pose teatral e cerimoniosa que se observa no «Retrato dos Esposos Arnolfi», título, aliás, por que é conhecido o quadro e que o poeta, sintomaticamente, recusou para título do seu poema, num procedimento raro nesta colectânea que, de um modo geral, faz coincidir os títulos. São os valores materiais que contendem com uma insubstancialidade que o «obsessivo azul» convertido em moldura que cerca e abriga os bens do poeta vem sublinhar. É um quadro não apenas para ser visto/lido mas para ser pensado, à semelhança do quadro de Jan Van Eyck.

Também por meio daquele procedimento, que envolve transferências de valores simbólicos, se converte uma mensagem não imediatamente óbvia, que, de resto, tem desafiado vários críticos de arte, numa comunicação nítida – indutora de esquemas simplistas e de uma facilidade poética que não existem – a ocupar o centro escópico do ‘poema-retrato’: o dinheiro tudo compra.

Vale a pena sublinhar que o poema de *Sobre Retratos*, sendo embora um poema efrástico (e a



*ekphrasis* traduz já uma prática literária da atenção ao “artefacto”), não se submete à descrição minudente, antes se estrutura como um objecto autónomo. O poeta selecciona os elementos do quadro visado de acordo, não apenas com desígnios plásticos, mas com propósitos bem definidos. Mais que reconstituir os traços fisionómicos de um comerciante próspero e da sua mulher – os protagonistas do quadro, não do poema – importa trazer para primeiro plano retratados e retratista nas suas circunstâncias históricas, sociais, profissionais. A união que o quadro exhibe, celebrada provavelmente em segredo, não é esquecida, mas outras se lhe vêm sobrepor de modo pouco secreto: a união das cores e dos objectos, numa figuração da própria «prosperidade mercantil» donde parte o poema e que parece ferir a retina do poeta.

É um poema-retrato onde claramente o comércio casa mal com o mundo dos afectos, com o investimento pulsional (e lírico) e com a exultação dos sentidos pela emoção estética, tão presente noutros poemas desta colectânea. São dimensões que tendem a não se harmonizar na página poética do autor, donde resulta uma tensão que não sintoniza mal com a seguintes palavras de Eugénio Lisboa: “Poeta consciente dos poderes e limites do seu ofício, José Jorge Letria, que pratica com saber invulgar uma arte poética singularmente eficaz, mostra-se saudavelmente impaciente em relação a certos poderes que querem controlar, explorar e parasitar a pureza do acto poético”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Eugénio Lisboa: *Ler* 51 (Verão 2001).

Nesta dialéctica, geradora de interessantes atritos sob o ponto de vista poético, se centra também um poema da colectânea *Não Há Poetas Felizes*, com um título tão curioso quanto predictivo: «Quando o Poeta Muda de Ramo» (*NhPF*: 64). A figura em causa é Arthur Rimbaud, um homem que viveu duas vidas: uma dedicada à poesia, ambicionando uma carreira literária, «extasiado com o timbre das palavras»; outra, que terá começado com a renúncia à poesia, dedicada à actividade comercial, experimentada em África, «entre negreiros e contrabandistas/ de álcool e de armas, de corpos e de luas», em que «ninguém lhe perguntava o que estava a escrever/ e o que achava da última crítica a um livro seu». Apenas a busca da fortuna interessava.

Transpondo para a linguagem do poema o campo associativo do comércio, numa simplificação linguística e discursiva capaz de o evocar, o poema traduz o confronto entre duas existências díspares que vêm configurar-se num dialogismo interior verbalmente expresso na clivagem, destramente explorada, entre a denotação e a conotação, o sentido literal e o metafórico:

*Não foi Rimbaud que abandonou a poesia  
nem foi esta que o abandonou a ele.  
Limitaram-se a seguir os seus caminhos,  
sem compromissos nem estêreis cumplicidades,  
sem depósitos a prazo na conta do futuro:  
cada um para seu lado e foi tudo.*

(...)

*Deixando a poesia, foi como se tivesse  
mudado de ramo. Fechou a loja dos versos  
e pediu alvará urgente para o esquecimento.* (*NhPF*: 64)

A linguagem comum – da qual nasce a linguagem poética para se rebelar contra ela –, a dinâmica discursiva e o tom, aparentemente desprendido, não ocultam uma tensão e o vazio da poesia, ocupado, no espaço do poema, por escolhas lexicais provindas da área comercial e que o poeta investe de lirismo. Num movimento oposto ao que o ‘alvará’ evoca, vemos fechar a «loja dos versos» de Rimbaud, o poema e a própria porta (estreita) da eternidade, cujo desejo se manifesta no universo poético do autor, legitimado pela convicção de que a criação artística se nutre de uma centralidade que nenhuma outra manifestação humana possui.

Nesta linha interpretativa, que procura traduzir um exercício de compreensão literária, interessante é igualmente observar que assoma na colectânea que inaugura na poesia do autor esta dialéctica conflitual, que é também a dos instantes da fala de José Jorge Letria («dividido entre sentimento e ressentimento»), a figura do contador. E refiro-me menos a um sujeito que se narra e se (re)vela (e contar e contar-se é mais um reforço vitalista que a aceitação de um fim, repetidamente anunciado, e a obra de homenagem a Cesário não é excepção – «total renúncia»), e mais a um sujeito que se contabiliza, a um guarda-livros da sua própria multiplicidade : «Eu dou por mim tão longe, tão disperso/ que talvez leve o que de vida me resta ainda/ para juntar as parcelas todas com que me conto» (*C:IF*: 105).

Desiludam-se todos aqueles que gostam de operações de resultado claro, inequívoco – e

tranquilizador: o “eu” que fala nesta poesia, assumindo os seus anseios, as suas dúvidas e as suas contradições, não é um poeta de ideias seguras e contas certas: «a minha ciência é a soma/ de todas as dúvidas do mundo (MI: 22); «eu sou o cálculo imperfeito/ que leva os navegantes ao naufrágio» (CP: 57). Diga-se, também, que não tem as contas saldadas com a poesia – longe disso –, sendo que o inverso também parece ser verdade: «Vejo-a, à poesia bem entendido,/ passar ao largo, relutante e esquivada,/ como se um de nós estivesse/ em dívida um com o outro/ não desejando reconhecê-lo em público» (NhPF: 18).

Nesta contagem de ausências e existências dispersas/fragmentadas e destocks, que são, expliquemos, as artes e processos do fingimento e do artifício (e o comprazimento neles) que o poeta provê para enredar o leitor (que quanto mais procura desvendar o mistério da escrita de José Jorge Letria, mais vê multiplicarem-se os enigmas), assumem as operações aritméticas elementares, a invadir o discurso poético, particular importância: «A minha morte/ é a soma de mil selvagens, atordoadas, sufocantes/ vidas, repartidas entre o que sou e o que sonho» (BIV: 16).

Numa poesia em que o excesso e o vazio lutam num espaço tensivo, não surpreende que a multiplicação e a divisão adquiram especial valor hermenêutico. Nesta estranha matemática em que multiplicar é dividir, se assume a busca de uma identidade que, por tão fugidia, obstinadamente se procura:



IMAGEM 4

F. Zurbarán, *Francisco de Assis* (c. 1645). Lyon. Museu de Belas-Artes.

Fonte: The Yorck Project: *10.000 Meisterwerke der Malerei*. DVD-ROM, 2002.  
ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH.



#### IMAGEM 5

Michel Sittow, *Catarina de Aragão* (1503/1504). Viena. Kunsthistorisches Museum, Gemäldegalerie.

Fonte: Wikimedia Commons.



IMAGEM 6

A. Raphael Mengs, *Auto-retrato* (1773). Liverpool, Walker Art Gallery.  
Fonte: Wikimedia Commons.



### ÍMAGEM 7

G. Arcimboldo, *O Verão* (1563). Viena. Kunsthistorisches Museum, Gemäldegalerie.  
Fonte: Wikimedia Commons.





#### IMAGEM 8

François Clovet, *Francisco I a cavalo* (c. 1540). Florença, Uffizi & Pitti Museum.  
Fonte: Wikimedia Commons.

## ESTUDOS SOBRE JOSÉ JORGE LETRIA

AZÓIA, Maria de Fátima Pereira, *A Memória da Escrita e a Escrita da Memória em José Jorge Letria. 20 anos de poesia*, Universidade Aberta (Lisboa, 2003).

BOTELHO, Fernanda, «Os Oficiantes da Luz»: *Colóquio/Letras* 135-136 (Janeiro/Junho 1995) 245.

CARVALHO, Teresa, «Limiar», prefácio a *Sobre Retratos*, Índicios de Ouro (Lisboa, 2008) 13-21.

CHALENDAR, Pierre e Gérard., «Cesário: Instantes da Fala»; «Percurso do Método»: *Colóquio/Letras* 131 (Janeiro 1994) 217-219.

CLÁUDIO, Mário, «Para quem o mundo existe», prefácio a *O Fantasma da Obra I. Antologia Poética (1973-1993)*, Limiar, Lisboa, 1993, pp. 7-9.

CONRADO, Júlio, *O Som e a Dúvida - ensaio sobre a vida e a obra poética de José Jorge Letria*, Hugin Editores (Lisboa, 1999).

GOMES, António Martins, “a inocência de um tempo perdido”, *Jornal de Letras*, 5 de Março de 1991, p. 18.

GUIMARÃES, Fernando, «As imagens ausentes», *Jornal de Letras*, 19 de Novembro 2008, p. 23.

LETRIA, José Jorge, “Cesário é uma paixão antiga” (auto-entrevista) *Jornal de Letras*, 11 de Julho 1989, p. 5.

MELO, João de, «À margem e por dentro deste desencanto», prefácio a *O Desencantador de Serpentes*, Litexa, Lisboa, 1984, pp. 9-11.

MOURÃO-FERREIRA, David, prefácio a *Cesário: Instantes da Fala*, Editorial Caminho, Lisboa, 1989, pp. 5-7.

PASCOAL, Isabel, «Oriente da Mágoa – Pranto para Luiz Vaz»: *Colóquio/Letras* 131 (Janeiro 1994), pp. 219-220.

SEABRA, José Augusto, “O Coração do texto”, *Jornal de Letras*, 18 de Agosto de 1992.

\_\_\_\_\_, «Prémio Unesco para José Jorge Letria – A Índia descoberta na América», *Jornal de Letras*, 1 de Junho de 1993, p. 30.

\_\_\_\_\_, «La quête poétique insatiable de José Jorge Letria», prefácio a *La Tentation du Bonheur*. Poèmes traduits du portugais par Patrick Quillier. Editions Nouvelle Pléiade, Paris, 1993, pp. 5-7.

\_\_\_\_\_, «José Jorge Letria ou a celebração da escrita»: LETRIA, José Jorge, *O Fantasma da Obra II. Antologia Poética (1993-2001)*, Hugin, Lisboa, 2003, pp. 7-18.

SEIXO, Maria Alzira, «José Jorge Letria e Casimiro de Brito: poéticas do excesso», *Jornal de Letras*, 13 de Setembro de 1995, p. 22.

SOUSA, João Rui de, «Nos Caminhos da alteridade»:  
*Jornal de Letras*, 11 de Maio de 1993, p. 9.

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*  
*GREGOS E LATINOS – SÉRIE ENSAIOS*

1. Carmen Soares, José Ribeiro Ferreira e Maria do Céu Fialho: *Ética e Paideia em Plutarco* (Coimbra, CECH, 2008).
2. Joaquim Pinheiro, José Ribeiro Ferreira e Rita Marnoto: *Caminhos de Plutarco na Europa* (Coimbra, CECH, 2008).
3. Cláudia Teixeira, Delfim F. Leão e Paulo Sérgio Ferreira: *The Satyricon of Petronius: Genre, Wandering and Style* (Coimbra, CECH, 2008).
4. Teresa Carvalho, Carlos A. Martins de Jesus: *Fragmentos de um Fascínio. Sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria* (Coimbra, CECH, 2009).